

## Opinião do GLOBO

## Cheia no Sul afeta toda a economia brasileira

A maior perda são as vidas e os lares, mas o drama já se traduz também em falta de emprego e renda

O Rio Grande do Sul precisa avaliar em breve os estragos das enchentes na economia. O drama humano está hoje eloquente nos relatos de mortes e nas imagens de casas submersas. A maior perda são as vidas e os lares destruídos, mas o drama já se traduz também em falta de emprego e renda. Quando as águas baixarem, a população afetada precisará voltar à rotina de trabalho. Saber o que foi destruído nos setores industrial, agrícola e de serviços é o primeiro passo para assegurar o retorno à normalidade.

Dois municípios atingidos pelas cheias, 397 respondem por 92% da indústria, 91% dos serviços e 79% da agropecuária do estado. Mas ser afetado não significa necessariamente que toda a estrutura econômica tenha sido prejudicada. O Rio Grande do Sul já colheu 76% da soja, 83% do milho e 84% do arroz da atual safra, e em toda a área plantada está sob as águas. As previsões falam em 2% de queda no PIB gaúcho, que representa 6,5% do brasileiro. Com uma economia interligada, principalmente aos demais estados do Sul, deverão ser afetadas várias cadeias produtivas nacionais. Na agricultura, so-

bremento arroz, trigo e soja. Analistas preveem que o PIB brasileiro cairá entre 0,2 e 0,3 ponto percentual.

Análises exigem cautela, porém, pois o impacto não é homogêneo. Muitos perderam tudo com a tragédia. Os maiores prejuízos ficaram com produtores de suínos, aves, grãos e hortaliças em vales como Jaguarí e Taquari. Num ano de seca, agricultores, criadores de animais e donos de agroindústrias vivem 12 meses de trabalho se dissipar. Num período histórico de chuvas, a dimensão é outra. A água varre tudo, inclusive gálipos e miquilins. Não se trata de estar pronto para outra. Por isso, a resposta do governo precisa ser diferente.

A enchente é um drama predominantemente rural, e a cheia atingiu o ponto mais densamente ocupado do estado — de Porto Alegre à serra. A região concentra o parque fabril gaúcho e responde pela maior fatia do PIB estadual. Na Grande Porto Alegre, a indústria emprega 128 mil, principalmente no setor mecânico. A Serra reúne 121 mil industriários. No Vale dos Sinos, são 184 mil. A Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiengs) ainda não tem estimativa confiável das per-

das. É um quadro com nuances. São evidentes os estragos nos 40 quilômetros entre Porto Alegre e Novo Hamburgo, passando pelas parcialmente submersas Canoas, Sapucaia do Sul e São Leopoldo. Caxias do Sul também está em estado de calamidade pública, com risco de deslizamento de terra. Mas há lideranças do setor industrial que veem a crise como oportunidade. A região manteve a base produtiva preservada até o momento. "Vamos ter muitas alternativas. Seja fornecer diretamente para as regiões afetadas, seja assumir etapas da produção", diz Celso Loro, presidente da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços (CIC).

Os governos federal, estadual e municipais não devem medir esforços para identificar quem precisa de mais ajuda. A tarefa exige rapidez, mas também atenção para evitar desperdício. São urgentes os investimentos em infraestrutura. Com aeroportos fechados, estradas interrompidas e pontes caídas, as empresas que não foram inundadas pelas águas se veem paralisadas pelo apelo logístico. Os gaúchos precisarão de ajuda não apenas para limpar suas casas, mas também para voltar a trabalhar logo depois que as águas baixarem.

## Artigos

opinioes.globo.com/opinioes/ artigos/globo.com.br

ARTIGO

## O fio de Ariadne

CARLOS MELO



Há semanas, Simone Tebet, ministra do Planejamento e Orçamento, proferiu palestra a alunos da graduação do Insper. Acompanhada de seus secretários, apresentou o projeto Rotas de Integração Sul-Americana e demonstrou a relevância de sua atuação no governo. São ações articuladas que buscam escoar, pelo Pacífico, a intensa produção de commodities do Brasil e dos países vizinhos.

Conectando rotas existentes em vários meios de transporte, o projeto diminui custos logísticos, atende a interesses econômicos do subcontinente e do mercado consumidor. Muitas obras estão prontas, outras dependem de detalhes. Em comparação ao passado, há pouco dinheiro público na parada. Desta vez, o BNDES não financiará países amigos.

Ultrapassada a fundamental reforma tributária, é um passo em direção à economia e ao mundo real. Embora o foco seja a China, trata-se de profundo mergulho na nova divisão internacional do trabalho. A tradicional força do Ocidente tem sido abalada e está em via de superação pelo Oriente mais populoso, produtivo e economicamente exuberante.

O agronegócio é a força motriz — o que faz torcer narizes à esquerda. Questionada sobre a indústria, Tebet citou o incentivo a cadeias produtivas.

—O Brasil não pode continuar exportando grãos de café para importar café expresso — disse como exemplo. O sentimento foi de raro otimismo. E perplexidade: por que o governo Lula não faz o barulho adequado e transforma projetos do tipo em bandeiras políticas? A resposta simplória mencionaria a disputa partidária como causa. Simone é do MDB, concorreu à Presidência da República contra Lula; a Comunicação Social do governo é comandada pelo PT. Claro, mesquinhas dessas tipos sempre existirão.

Mas o fiasco do comício das centrais sindicais em comemoração ao "1º de Maio" revelou que o problema é de outra natureza, mais sério. O presidente da República se deslocou de Brasília ao estacionamento do estádio do Corinthians para falar a meras 1.600 almas. Criticando a organização do evento, Lula afirmou que o ato foi "mal convocado". Embromação, a verdade é outra.

Ousando interpretar idiossincrasias, pode-se inferir que o presidente e parcela de seus companheiros resistem a admitir que o universo analógico, industrial e sindical em que foram forjados agoniza. Tentam se agarrar ao passado, como faz também a direita.

O reconhecimento da nova economia e o uso de suas ferramentas — Lula também sinaliza indisposição com o tema inteligência artificial — não podem esperar. Para além de clichês, deveriam se transformar no Projeto Nacional. Com poder até de reatar diálogos interrompidos pela ignorância e pela estupidez do extremismo.

Considerem-se a preservação ambiental, a inclusão social e a valorização do patrimônio material do Brasil, de inestimável valor econômico, e é possível crer em saídas do labirinto em que o país se perdeu há mais de uma década. Pode-se dispensar o pessimismo para momentos melhores. Antes constatação que crítica, o presidente é um homem de ontem, preso a modelos que se desmancharam no ar. Sua maior virtude é que o fantasma de Jair Bolsonaro e seus seguidores remontam às trevas da Kluge Média. No mais, "bolsonarismo" e "moderado" são palavras que não cabem na mesma frase. Mas ser Bolsonaro é o mínimo; operar a inevitável mudança sob o imperativo de trazer à luz com menos traumas, esta sim, é a tarefa histórica. "Deus que, o homem sonha, a obra nasce".

Há uma década no labirinto, o Brasil tem sido impiedosamente castigado por seus erros. Um período de destruição econômica, política e institucional. O Tesouro que liquidará o Minotouro ainda não foi revelado ao mundo; a crise de liderança política é gigante. Mas não custa sonhar que projetos como o apresentado por Tebet sejam uma espécie de fio de Ariadne.

\* Carlos Melo é cientista político e professor sênior do Insper.

N. da R.: Merval Pereira votará a escrever no dia 2 de junho

## Polícia de SP faz bem ao renovar programa de câmeras corporais

Secretário de Segurança mudou de postura e afirmou que pretende ampliar uso do equipamento

É bem-vinda a mudança de postura do secretário de Segurança de São Paulo, Guilherme Derrite, ao reconhecer que o uso de câmeras corporais pela polícia pode ser bom tanto para o agente quanto para a população. É um avanço. Por várias vezes, Derrite criticara o programa implantado em 2020, alegando que não tinha eficácia, apesar da profusão de evidências em contrário. "A gente está trazendo uma proteção para a polícia, um auxílio nas investigações futuras de qualquer tipo de crime com novas funcionalidades", disse Derrite. Uma das ideias é que os novos aparelhos sejam usados também no reconhecimento facial.

O uso de câmeras corporais pela polícia foi eficaz ao reduzir a letalidade das operações e proteger os próprios agentes. Em São Paulo, entre 2019 e 2022, as mortes sem intervenções policiais caíram 76,2% nas regiões em que o equipamento era usado (as outras áreas, a queda foi de 33,3%). O aparelho também foi eficaz para evitar mortes de policiais. Entre 2021 e 2023, houve queda

de 53,7% nesse tipo de crime em comparação com o período 2017-2019, anterior à implantação do programa.

Apesar dos números, o governador Tarciso de Freitas (Republicanos) se mostrava hesitante. Ainda na campanha, prometeu retirar os equipamentos, pois, segundo ele, deixavam os agentes em desvantagem diante dos criminosos. Em janeiro, disse que daria prosseguimento aos contratos existentes, mas não investiria novos recursos no projeto. "Qual é a efetividade da câmera corporal na segurança do cidadão? Nenhuma", disse à época.

Pelo menos 56 pessoas morreram nas operações Escudo e Verão, deflagradas pela polícia paulista nos últimos meses, após mortes de policiais na Baixada Santista. A alta letalidade despertou críticas. Durante as investigações, constatou-se que muitas das imagens das câmeras não estavam disponíveis. No primeiro ano da gestão Tarciso, houve aumento de 34% nos mortos por policiais em serviço. No primeiro trimestre deste ano, de 139%.

A resistência às câmeras não aconte-

ce só em São Paulo. No Rio, o governador Cláudio Castro (PL) proteceu quanto pôde sua instalação nas tropas de elite. Cedeu apenas por determinação do STF. Embora o programa esteja em curso, nem sempre há imagens disponíveis quando necessárias. A Corregedoria de Polícia apura casos de PMs que taparam as lentes das câmeras ou as retiraram da farda em operações.

É patente o retrocesso que a gestão Derrite promoveu na polícia paulista, ao abandonar práticas consolidadas ao longo de anos, responsáveis pelos índices de criminalidade mais baixos no país. Apesar disso, deve-se saudar a decisão sobre as câmeras corporais. As imagens gravadas ficam em poder da própria polícia e não são divulgadas publicamente. Não há, portanto, risco de expor os agentes. Além disso, nos casos específicos em que a imagem pode pôr em risco a vida do policial, a própria corporação avaliará a conveniência de usá-la. As câmeras corporais trazem mais transparência e segurança tanto para os policiais quanto para os cidadãos. Não há por que temê-las.

## GRUPO GLOBO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE: João Roberto Marinho

VICEPRESIDENTES: João Roberto Marinho e Roberto Ribeiro, Marinho

O GLOBO

apresentado por Roberto Marinho

DIRETOR GERAL: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

DIRETOR GERAL DE MARKETING: Roberto Marinho

Principais editoriais do Grupo Globo: [http://globo.br/pej\\_edit](http://globo.br/pej_edit)

EDITORIAIS

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

EDITORIAIS

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

EDITORIAIS

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

EDITORIAIS

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

EDITORIAIS

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

EDITORIAIS

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho

Editorial: Roberto Marinho